

Mulford discutirá crise do Golfo e juro atrasado

Subsecretário do Tesouro dos EUA chega terça e se encontra com equipe econômica

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — A visita de pouco mais de 24 horas que o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, fará a Brasília a partir de terça-feira pode ser muito importante, tanto para manter o Plano Collor nos trilhos como para acertar a fórmula política que conduzirá ao início formal do processo de normalização das relações do País com a comunidade financeira internacional, nas próximas semanas.

Ao elevar em pelo menos US\$ 1 bilhão a conta líquida anual de petróleo do País, diminuindo na mesma proporção a capacidade do governo de realizar pagamentos externos, a crise do Golfo Persico tornou o Brasil mais dependente do apoio de Washington na busca de uma saída política para a complexa questão da dívida externa e aumentou, ao mesmo tempo, o risco dos EUA no processo. Articulador da

política econômica internacional de Washington, Mulford desempenhará um papel decisivo nessa operação.

Oficialmente, ele vai a Brasília e a quatro outras capitais sul-americanas (Caracas, onde inicia a viagem, Montevidéu, Buenos Aires e Santiago), para conversar sobre a proposta de parceria comercial que o presidente George Bush propôs à América Latina. No Brasil, porém, questões de interesse mais imediato ocuparão a maior parte da agenda. Uma delas é como compensar o impacto do choque do petróleo sobre o plano de estabilização.

O embaixador Marcílio Marques Moreira, que almoçou com Mulford na quinta-feira passada, disse que não se pensa "num remédio específico". Mas indicou que, em vista das dificuldades criadas pela crise no Golfo, uma alternativa a se considerar, na avaliação do desempenho do programa econômico e das necessidades de financiamento externo do País, é o aumento do montante do empréstimo de aproximadamente US\$ 1,4 para US\$ 2 bilhões que o Brasil está negociando com o Fundo Monetário Internacional.

Uma informação positiva que Mulford leva na bagagem, nesse particular, é a previsão de continuação da tendência de queda dos juros internacionais contida num estudo sobre os efeitos do choque petrolífero na economia internacional, que ele encaminhou ao secretário do Tesouro, Nicholas Brady, e ao presidente George Bush, na semana passada. Isso compensará, em parte, o impacto da alta do petróleo nas contas do país.

Outro tema importante é a volta do Brasil à comunidade financeira internacional, que deve começar com o fim das negociações do governo com o FMI, nas próximas semanas. Em Brasília, Mulford procurará convencer as autoridades econômicas brasileiras a dar um sentido de urgência às negociações com os bancos credores. Ele acredita que é fundamental, afirmam fontes do Tesouro, que o governo brasileiro esteja clara e formalmente empenhado na busca de uma solução para o problema do pagamento dos juros atrasados no momento em que o pedido de apoio do Brasil chegar aos diretores executivos do FMI.